12

A

LOCOMOTIVA

(Inaugural da Leopoldina)

RIO DE JANEIRO
Typ. Universal de Laemmert & C.
66 — RUA DO OUVIDOR — 66
1890

Rendo preito ao talento e illustração do meu collega e amigo Dr. Americo Lobo Leite Pereira, entregando á publicidade a delicada poesia, que fez, ao inaugurar-se a Estação da Cidade da Leopoldina, e que teve a fineza de autorisar-me a publicação. Peço ao meu amigo desculpa de ter, por tanto tempo, privado o publico da leitura de tão mimosa producção.

Rio, 29 de Maio de 1890.

Barão de S. Geraldo

A LOCOMOTIVA

(INAUGURAL DA LEOPOLDINA)

I

Deixem passar no trilho a eterna viajante,
Em cujo flanco a sombra do judeu errante
Se alteia para o céo na livida espiral;
Eil-a a deusa de bronze, o Christo da materia;
Os gemidos da fome e os trapos da miseria
Devora a sibilante pomba de metal.

II

Traz no bico de luz o ramo de oliveira;
Transpõe, bem como a séta, o val e a cordilheira,
Dos rios o diluvio, os páramos do céo;
Entre laminas d'aço ao fogo encadeiada,
Para sempre se diz que está predestinada
Ao supplicio de Tantalo e de Prometheu.

III

De nuvens cinge-a o véo no viaducto enorme
Comprimida no tunnel como o féto dorme
Na doce escuridão do seio maternal;
As azas ululantes de carvão cobertas
Povoam como Pyrra as regiões desertas
E movem do futuro a róda triumphal.

IV

Na livre immensidade sobre o gelo corre,
A' crypta dos volcões inclina a leve torre,
O leito dos Titans é seu formoso harem;
Aguia que altiva paira sobre as tempestades,
Do homem symbolisa o imperio da vontade
E o genio empr'hendedor que nada mais detem.

V

A's vezes desvairada busca tonta a alliança
Da morte e sem nenhum vislumbre de esperança
Immola de improviso os hospedes de um dia;
Ao naufragio conduz as turmas viajantes,
A' guerra fratricida os batalhões pujantes,
Ao hospital de sangue os gritos de agonia.

VI

Lá quando no occidente o rubro sol se some
E victima do incendio a multidão tem fome
O milagre dos pães então se reproduz;
Mostra a locomotiva a mão da Providencia,
Abençoam seu busto os labios da indigencia
E do ancião que move os filhos semi-nús.

VII

Salve, locomotiva, Briareu moderno!
Imitas do cometa o vagueiar eterno,
Mas a terra é mesquinha para o curso teu;
Debaixo do oceano passarás dormindo,
Qual o condor dos Andes lá no espaço infindo
Já rompes o sublime pavilhão de céo!

VIII

Das artes e sciencias mensageira alada
Reduzes o universo a uma só morada,
Sanctuario de paz e templo d'harmonia;
Ao vêr-te sibillando no ermo da floresta
Murmura a natureza os hymnos seus de festa
E uma chuva de flôres doura a luz do dia.

IX

Sobre o leito de ferro, aonde tu transitas,
O tronco secular envolto em parasitas
Alevanta o docel de folhas perennaes;
Por entre as alamedas da soidão gigante
Tua narina bebe o aroma inebriante
Que jorram para Deus as selvas tropicaes.

X

Salve, locomotiva, Briareu moderno!
Rasga da natureza o verde manto eterno,
Os mysterios do bosque e o seio do sertão·
Eleva-te silvando acima da cascata!
Nos selvagens rumores da grandiosa matta
Tua voz é um hymno á civilisação!

Leopoldina, 4 de Julho de 1877.

AMERICO LOBO.